

Maria, José, o Cavalo Dele, e o Índio Dela

João Henrique Pinto,
tradutor

«Teremos todo o tempo do mundo para esse género de loucuras mais tarde, meu anjo. Agora, o único devaneio a que eu gostaria que nos entregássemos seria à existência terrena dos nossos dois corpos, mas transportados até um limiar ultra-cósmico... E que fizesses amor comigo como se fosse o último dia da nossa vida neste planeta azul. E que o teu corpo absorvesse toda a matéria e toda a energia do meu, que já começa a desafiar as leis da gravidade... Ah!?... O que é que me dizes?...»

«Oh!!!... Estou a falar a sério, Maria. Estou a dizer-te que vi um cavalo a passar lá fora. Não tinha cabeça e corria a galope, acompanhado pelo que me pareceu ser um índio.»

«E não seria o índio quem não tinha cabeça, em vez do cavalo?!»

«Mas o índio tinha cabeça — e no topo dela tinha aquela coroa feita de penas compridas e iridescentes, que normalmente identificam os chefes das tribos; e o cavalo só tinha o pescoço, espetado acima do tronco. Tenho a certeza!»

«Pronto! Está bem, Zé!... Vamos lá tentar ver esses dois personagens...»

«Ó meu querido Mariazinha... Vem cá! Vem cá que eu vou mostrar-te. Mas tira daí a mãos, senão quem te arranca a cabeça sou eu!»

«Uuiii! Que medo. A minha Zezinho fofinha está uma fera... Pronto! Está melhor assim?»

«Muito melhor. Agora é só esperar. Normalmente, a esta hora, costumam dar duas voltas à casa, antes de partirem em direcção ao alto das colinas...»

E ali ficaram os dois. O José e a Maria, ou melhor, a José e o Maria. Ficaram ali, a espreitar pela minúscula janela, através das grades de protecção, tentando espiar o que se passaria lá fora.

Ele chamava-se José Maria, e ela, Maria José. Desde o tempo em que eram namorados, ou talvez ainda mesmo antes disso, que sempre chamaram um pelo outro utilizando o nome contrário ao do seu género — ele chamava Zé a Maria, e ela chamava-lhe Maria. Todos os que os conheciam estavam absolutamente convencidos de que nenhum dos dois jogava com o baralho todo.

Tinham ambos trinta e cinco anos, estavam casados há dois, e ainda não tinham filhos — mas tencionavam constituir uma família daí a dois anos. Já não usavam drogas desde o tempo do liceu. Os alucinogénios, que Maria experimentou uma única vez, sob a forma de LSD, e José duas — uma delas foram os cogumelos mágicos, quando ela fez aquela viagem ao México, que foi para esquecer. Mas, apesar dessa escassa vantagem numérica, de experiências com drogas, que ela levava em relação a ele, e tendo em conta o número de anos que haviam passado desde a última vez em que tinham usado aquele tipo de «atrofiantes» cerebrais, nenhum dos dois pensava ser essa a razão daquelas estranhas visões que ambos tinham... Sim, ambos! Pois não era só ela, José, quem via o cavalo sem cabeça, acompanhado pelo índio, percorrendo aquele chão poeirento; ele, Maria, também tinha uma visão semelhante — só que na sua mente o cavalo possuía cabeça, e era o índio quem seguia, decapitado, à frente do cavalo, agarrando nas rédeas e puxando-o pelo freio, num trote moderado, num andamento bem mais lento do que o da visão de José.

E ficaram ali os dois, mergulhados naquela escuridão, a olhar muito sossegados, pela estreita abertura, para o exterior — à espera que algo acontecesse...

Todos os dias, à mesma hora, ficavam os dois à janela, a vê-los passarem — ele, o seu cavalo, e ela, o seu índio. Para ele, era o cavalo que se destacava, imponente, altivo, vigoroso, e senhor de toda a situação, apesar de guiado pelo índio, que até nem tinha cabeça, cheio de uma irremediável fidelidade; para ela, era o índio quem fazia prevalecer o seu desejo, pois parecendo entregar-se à vontade do cavalo — não o montando por este não gostar —, sem que o mesmo se apercebesse disso, era ele que controlava as rédeas, que ia segurando com

uma das mãos. E o índio seguia, parecendo submisso mas belo, com a sua pele sedosamente macia a reluzir sob o sol, sempre guiando o emproado garanhão, muito seguro-de-si.

O animal tinha o poder físico de um atleta habituado a ganhar, graças aos seus músculos, à sua destreza, habilidade, e rapidez; o índio seguia-o, sem nunca o perder de vista — seguia aquele cavalo sem cabeça, aquele cavalo que, de tão narcisista, chegava a ter dó daquele corpo moreno e sem cabeça que o acompanhava, e que o seguia para todo o lado, para onde quer que ele o levasse.

O cavalo, que afinal era uma égua, habituada a ser tratada como um campeão, a vencer sempre os seus adversários, encantou-se com a beleza das cores das penas e do perfume das flores daquele índio, flores que ele semeava por entre o colorido das penas. Por sua vez, o índio apaixonou-se pelo vigor, pela força independente, cativante e, aparentemente, invencível do cavalo.

Este era obstinado, senhor do seu faro, não se importando muito com a opinião dos outros, os quais ele olhava altivamente, de cima para baixo; o índio era fútil, preocupado com a sua aparência, passando os dias a escovar o cabelo e a aperaltar-se como se todos os dias fossem dias de festa.

Não muito longe dali, na esplanada de um café, um homem vestido de negro relia a notícia que tinha abalado aquela lúgubre aldeia do litoral há cinco anos: um casal de jovens, recentemente casados, tinha decidido fazer um passeio a meio da noite... Caminharam durante horas ao longo dos caminhos rurais que atravessavam os campos, até que, estando ambos vestidos de branco, às três da manhã, com o rosto maquilhado de negro, se resolveram deitar, à espera, pousando as cabeças sobre os carris da linha do comboio. Todos os dias, às três horas e quarenta e cinco minutos da manhã, passava ali um comboio de mercadorias.

Fazia nesse mesmo dia precisamente cinco anos que eles tinham saído para esse último passeio, naquela fatídica noite em que a tragédia acontecera. O casal havia sido encontrado na manhã seguinte ao acidente. O maquinista que, sem culpa nenhuma, os tinha decapitado, não se chegara a aperceber de nada.

Muito foi dito acerca das razões que poderiam ter levado aqueles dois amantes, em plena flor da vida, a cometerem tal acto — De acordo com as investigações da Polícia Judiciária fora claramente um suicídio perpetrado em conjunto: os jovens tinham-se deitado perpendicularmente à linha do comboio, com os corpos para o exterior, ficando apenas com as cabeças em cima da via férrea, com as nuças apoiadas sobre um dos carris. Logo que ambas foram decapitadas, e os corpos se começaram a contorcer convulsivamente, à medida que a última réstia de vida se lhes ia escapando para sempre, e o sangue saía em torrentes para pintar de carmim toda a vegetação circundante, as cabeças ainda rolaram durante alguns minutos debaixo do comboio — primeiro da locomotiva, e depois ao longo das dezassete carruagens que faziam parte da composição — , batendo alternadamente nas travessas dos carris e na parte de baixo do chassis daquele monstro de aço, indo acabar por sair disparadas oitocentos metros mais à frente. Nunca viriam a ser encontradas, ficando para sempre perdidas no meio de uma vegetação cerrada, que parecia virgem desde o dia em que fora banhada pelos seus primeiros raios de sol.

Os responsáveis pelas buscas nunca pensaram que elas pudessem ser arrastadas até tão longe, daí ter aparecido uma corrente de investigadores que defendia a tese de um assassinato macabro, levado a cabo por uma qualquer seita satânica, dada a rituais vuduístas. Mas acabaria por prevalecer, após exaustivos testes forenses, a tese do suicídio.

Enquanto o cavalo galopava pela planície fora, o índio seguia atrás dele — e fora sempre assim, desde que se haviam conhecido, desde que um encontrara o outro, há já muitos anos.

À semelhança de uma gueixa, José era uma mulher obediente, quase submissa, mas, no fundo, quem assumia o controle era ela. E fazia-o sem que ele, Maria, se apercebesse de nada, para que o seu orgulho não ficasse ferido, para que continuasse a pensar ser senhor de todas as situações.

Ambos tinham um gosto bastante apurado para determinadas fantasias, em particular as que tinham uma ligação mais íntima com o sexo, mas havia outras... Sem cada um deles ter conhecimento de que o outro também fantasiava o mesmo, tanto Maria como José gostavam de dominar, de controlar o parceiro,

e assim, ao longo da vida, tinham vindo a pensar que sempre haviam submetido o outro aos seus caprichos —quando esse secreto pensamento era recíproco.

O cavalo parou... Olhou para trás, na direcção do índio cansado e, quase sentindo pena deste, aproximou-se, baixou a cabeça, deixou que as crinas fizessem cócegas no seu amigo de tantas viagens, e soltou um suave resfolegar.

José nunca fora uma mulher fácil. De temperamento impulsivo, sempre reagira com garras afiadas a cada vez que sentia a sua liberdade ser posta em causa.

Maria também nunca fora um homem que gostasse de se deixar dominar, e muito menos manipular. Mas, era um facto que, por vezes, esquecia toda aquela pose de líder, bastando, para que isso acontecesse, que José lhe fizesse uns mimiños, muito à semelhança dos que o índio fazia ao cavalo.

Apenas uma única pessoa passava no cemitério, de quando em vez, para os visitar. Não que alguma vez os tivesse conhecido em vida, mas porque nunca chegou a compreender o que se passara naquela noite...

Recordava-se de ter visto os corpos vestidos de branco, do lado de fora da linha, com as cabeças em cima do carril direito, ainda a algumas centenas de metros. Recordava-se de ter puxado o travão da locomotiva, e de este não ter actuado... Não por qualquer falha mecânica, mas porque as duas mãos dos jovens que se encontravam de pé, ao lado dele, terem mais força do que um homem só, e impedirem a alavanca de se mover.

Depois de o comboio ter decapitado os dois jovens, o maquinista olhou para trás... mas o casal tinha desaparecido.

Depois das cerimónias fúnebres, nunca mais ninguém ousara aproximar-se do local onde os dois amantes haviam sido sepultados. Mas houve relatos de várias pessoas que, passando a uma distância relativamente segura, e sempre durante o dia, afirmaram ter visto dois corpos sem cabeças a espreitarem para o exterior do jazigo, como que pairando, desde o interior escuro, como que olhando — apesar de só terem pescoço — fixamente através da estreita abertura da pequena janela existente na porta, como que à procura de algo, como se estivessem a observar alguma coisa, ou à espera que algo acontecesse... e por vezes, até parecia falarem um com o outro.